

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
INSTITUTO DE ESTUDOS DE GÊNERO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EaD GÊNERO E DIVERSIDADE NA ESCOLA**

MARINETE MARIA SODRÉ PEREIRA

GÊNERO NA EDUCAÇÃO INFANTIL

**FLORIANÓPOLIS
2016**

MARINETE MARIA SODRÉ PEREIRA

GÊNERO NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Trabalho de Conclusão de Curso do Curso
de Especialização EaD Gênero e
Diversidade na Escola.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Maria Eduarda
Ramos

FLORIANÓPOLIS
2016

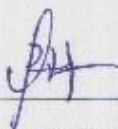
MARINETE MARIA SODRÉ PEREIRA

GÊNERO NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como requisito para
obtenção do título de Especialista em
Gênero e Diversidade na Escola (GDE).

Aprovado em 17 de dezembro de 2016.

Coordenação do Curso:



Olga Regina Zigelli Garcia

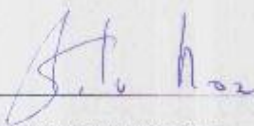
Banca Examinadora:



Juliane Di Paula Queiroz Odmino



Marcelo Pinheiro Cigales



Stela Marcia Moreira Rosa

Pereira, Marinete Maria Sodré.
Gênero na Educa o Infantil / Marinete Maria Sodré
Pereira; orientadora, Maria Eduarda Ramos -
Florianópolis, SC, 2016.
40 p.

Monografia (especializa o) - Universidade Federal de
Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas.
Curso de G.

Inclui referências

1. Gênero na Educa o Infantil. 3. Brincadeiras. 4.
Brinquedos. 5. Estereótipos. I. Ramos, Maria Eduarda. II.
Universidade Federal de Santa Catarina. G. III. Título.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente quero agradecer a toda a minha querida família e meus colegas de trabalho pelo apoio e incentivo para concluir essa especialização. Agradeço ao meu marido pela colaboração e paciência e de forma especial a minha atenciosa e dedicada orientadora pelo apoio e excelente colaboração.

Registro aqui um agradecimento especial pelo financiamento dado ao Curso de Especialização EaD em Gênero e Diversidade na Escola da Universidade Federal de Santa Catarina (GDE/UFSC) através do Fundo Nacional para o Desenvolvimento da Educação (FNDE) gerido pela SECADI/MEC (Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão do Ministério da Educação) na gestão da presidenta Dilma Rousseff (2011-2015), sem o qual seria impossível a operacionalização de um curso de dois anos de duração em cinco cidades de diversas regiões do estado de Santa Catarina. Agradecemos, sobretudo, os investimentos que durante os últimos 13 anos possibilitaram a expansão de políticas públicas de combate a fome, ao racismo, sexismo, lesbofobia, homofobia, transfobia e ao capacitismo. Infelizmente, a conjuntura política no último ano quase impossibilitou a conclusão desta 3ª edição do GDE, sobretudo depois da extinção da SECADI, que foi criada em 2004 e que possibilitou a realização de centenas de cursos com temáticas que versavam sobre diferenças, desigualdades e direitos humanos em todo o Brasil. Uma política de governo que infelizmente não se concretizou em uma política de Estado, ao contrário, vem sendo extinguida e criminalizada por diversos setores conservadores na sociedade. Que essa especialização seja lembrada como um espaço de resistência e de luta por uma sociedade mais justa e igualitária.

RESUMO

Este trabalho tem como ponto de partida observar as crianças quanto a suas escolhas e preferências de brincadeiras, brinquedos, cores, forma de tratamento, roupas, estilos. Tem como objetivo geral: observar e compreender as várias situações que envolvem gênero na Educação Infantil no que se referem às brincadeiras, brinquedos e preferências das crianças. Os objetivos específicos são: observar se há estereótipos de gênero nas brincadeiras infantis; identificar o comportamento das crianças e suas falas que mostram preconceitos e discriminações quanto a estereótipos e/ou relações de gênero; propor contribuições para o desenvolvimento das crianças com respeito ao diferente e ao diversificado; propor ações que possam respeitar o direito das crianças quanto suas escolhas de brinquedos, brincadeiras e grupo de amizade sem que se tenham preconceitos quanto às relações e estereótipos de gênero. O método utilizado será a observação, cuidando para não constranger nenhuma criança, nem modificar ou intervir em suas brincadeiras, respeitando suas escolhas. Com os resultados pode-se contribuir para a construção de práticas de respeito e diversidade de gênero. Com a observação encontrei algumas situações que apresentaram estereótipos, com falas que mostraram algum preconceito quanto às brincadeiras e brinquedos. Pode-se concluir que de modo geral, a variedade dos brinquedos e as diversas opções de brincadeiras favorecem para que todos os espaços sejam ocupados por todos sem discriminação. Percebeu-se que o brinquedo e a brincadeira têm grande contribuição para o desenvolvimento da criança, principalmente relacionado com o tema gênero que precisa ser vivenciado, ensinado e praticado na Educação Infantil.

Palavras-chave: Educação Infantil. Gênero. Brincadeiras. Criança.

ABSTRACT

This work has as a starting point to observe the children about your choices and preferences of games, toys, colors, form of treatment, clothes, styles. Aims: to observe and understand the various situations that involve gender in Early Childhood Education in which refer to games, toys and children's preferences. The specific objectives are: to observe if there are gender stereotypes in the childish games; identify the behavior of children and your lines that show prejudice and discrimination as stereotyping and/or gender relations; proposed contributions to the development of children with respect to the different and diverse; propose actions that can respect the right of children as their choice of toys, games and group of friendship without which have prejudices about the relationships and gender stereotypes. The method used is the observation, taking care not to embarrass any child, or modify or intervene in your games, respecting their choices. With the results can contribute to the construction of gender diversity and respect. With the note found some situations that presented stereotypes, with lines that have shown some bias regarding games and toys. It can be concluded that overall, the variety of toys and the various options of games favor so that all spaces are occupied by all without discrimination. It was realized that the toy and the game have great contribution to the development of the child, mainly related to the gender theme that needs to be experienced, taught and practised in Early Childhood Education.

Key words: Early Childhood Education. Genus. Jokes. Child.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	08
CAPÍTULO 1: GÊNERO E O EDUCANDO NA INFÂNCIA.....	11
CAPÍTULO 2: O BRINCAR E A CRIANÇA.....	16
CAPÍTULO 3: METODOLOGIA.....	20
3.1: TIPO DE ESTUDO.....	20
3.2: CENÁRIO DO ESTUDO.....	21
3.3: PARTICIPANTES DO ESTUDO.....	22
3.4: COLETA DE DADOS.....	22
CAPÍTULO 4: A PESQUISA DE CAMPO.....	23
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	33
REFERÊNCIAS.....	35

INTRODUÇÃO

Este projeto de pesquisa, no âmbito do curso de especialização em Gênero e Diversidade na Escola, da Universidade Federal de Santa Catarina, propõe observar como questões que envolvem gênero estão presentes na Educação Infantil, tendo como tema principal “Gênero na Educação Infantil”.

A ideia de realizar um trabalho acadêmico com observações de relatos e vivências das crianças da Turma do Sítio do Nei Armação, composta com crianças de cinco e seis anos, surgiu da minha experiência de docente na Educação Infantil já por vinte e um anos, onde presenciei várias situações de estereótipos e preconceito.

O assunto a ser estudado e observado será Gênero na Educação Infantil com respeito às brincadeiras e brinquedos que são estereotipados como sendo de menina ou de menino, fazendo distinção por sexo. Sabemos que vivemos numa sociedade onde existe muita diversidade, não podemos desrespeitar os gostos e as preferências de seres humanos, do modo de viver ou de ser, culturas, sexualidades, etc. Buscar promover um ambiente escolar acolhedor às diferenças provoca o reconhecimento dessas diversidades de seres humanos, pois todos devem ser incluídos enquanto sujeitos de direitos e seres que merecem respeito, coibindo atos de violência, discriminação e preconceitos. Esses, quando cometidos, acarretam em sofrimento psíquico, entre outras consequências.

O ato de observar e pensar nas questões de gênero na Educação Infantil poderá influenciar na construção do cidadão crítico. Por isso a criança deve ser estimulada bem cedo para ter consciência da importância do respeito à diversidade, que pode influenciar nas suas escolhas e preferências.

A conquista da autonomia passa por etapas na forma de como a criança é disciplinada e pela construção de regras que pode direcionar as ações da criança, facilitando assim sua interação com outras crianças e com os adultos. A criança vai adquirindo autonomia à medida que se desenvolve, tanto física quanto emocionalmente, se tornando capaz de fazer algumas coisas por si mesmas.

Percebemos que as crianças são seres de gostos e estilos próprios, agem de forma espontânea, mas também são influenciadas por adultos e pelo meio social em que vivem. Suas escolhas por brincadeiras e brinquedos já vem pré-estabelecidas antes do nascimento, com a escolha do nome, cores do quarto, expectativa dos pais. Distinguindo o que é próprio ou não para menina e para menino.

Segundo Wolff e Silva, (2015, p. 9):

A categoria gênero está cada vez mais presente nas discussões acadêmicas, nos movimentos sociais, nas organizações não governamentais e nas esferas do poder público, especialmente quando se discutem políticas públicas. Como explica Joan Scott (1994), a categoria gênero é entendida como “um elemento constitutivo de relações sociais fundadas sobre as diferenças percebidas entre os sexos, sendo um primeiro modo de dar significado às relações de poder”.

Esse tema, “Gênero na Educação Infantil”, para muitos é um problema, só a palavra “Gênero” em si já gera um desconforto em muitos cidadãos, isso acontece por preconceito, falta de esclarecimento; outros pensam que esse tema possa causar polêmica por parte dos conservadores/as.

De acordo com o artigo “Brinquedo, gênero e educação na brinquedoteca”, publicado por Tizuko Morchida Kishimoto; Andréia Tiemi Ono (2008, p. 210), diz:

Para Brougère (2004), os estereótipos provêm dos pais e das pessoas que cercam a criança. Os pais constroem o primeiro ambiente de brinquedos da criança, antes que ela comece a fazer suas escolhas. No nascimento, o quarto das meninas é rosa, com bonecas, e o dos meninos é azul, com carros em miniatura. As meninas costumam brincar de "casinha" e representam o papel da mãe; os meninos, de "motorista", que dirige o carro. É o contexto em que a criança vive, especialmente o meio familiar, que dirige inicialmente tais escolhas.

Assim, diante do que foi explanado, é proposta a seguinte pergunta de pesquisa:
O brincar de crianças com idade de 4 a 6 anos do NEI Armação apresentam atitudes preconceituosas e/ou discriminatórias quanto às relações de gênero?

Tendo como justificativa que gênero precisa ser um tema discutido nas escolas, pois a escola é um ambiente que recebe os/as alunos/as em suas diversidades, a temática de gênero ampliaria a discussão de inclusão, buscando promover o respeito e coibir preconceitos e violências. Sendo que o brincar faz parte da criança, a inclusão da diversidade de seres humanos poderia ser pensada a partir deste tema sim.

Segundo Márcia Buss-Simão (2013), a categoria gênero faz parte das relações das crianças no ambiente familiar, creches e escolas. Faz-se apropriado que essa categoria seja analisada do ponto de vista das crianças de suas vivências, da forma como lidam e utilizam esse conhecimento, na forma de interagir e se relacionar com outras

crianças e com os adultos, em instituições de Educação Infantil. E é através do brincar que a criança vai expressar tudo isso.

A presente pesquisa tem como objetivo geral: Com esse tema pretendo observar e compreender as várias situações que envolvem gênero na Educação Infantil no que se referem às brincadeiras, brinquedos e preferências das crianças. Os objetivos específicos são: Observar se há estereótipos de gênero nas brincadeiras infantis; Identificar o comportamento das crianças e suas falas que mostram preconceitos e discriminações quanto a estereótipos e/ou relações de gênero; Propor contribuições para o desenvolvimento das crianças com respeito ao diferente e ao diversificado; Propor ações que possam respeitar o direito das crianças quanto suas escolhas de brinquedos, brincadeiras e grupo de amizade sem que se tenham preconceitos quanto às relações e estereótipos de gênero.

Para responder a pergunta de pesquisa: O brincar de crianças com idade de 4 a 6 anos do NEI Armação apresentam atitudes preconceituosas e/ou discriminatórias quanto às relações de gênero? Esta pesquisa é qualitativa e foi utilizado o método de observação em sala de aula e no parque.

Assim reconhecemos que é muito importante discutir gênero na Educação Infantil, pois percebemos nas falas e expressões, muito preconceito e estereótipos por parte das crianças, dos pais e/ou responsáveis até mesmo dos professores/as, que mostra falta de esclarecimento nesse assunto. Precisamos de formação continuada e planejamento escolar que contemplem essas questões.

CAPÍTULO 1: GÊNERO E O EDUCANDO NA INFÂNCIA

É muito importante falar de gênero na Educação Infantil, pois percebemos que surgem muitas situações que mostram preconceito e estereótipos, temos que estar ciente desses acontecimentos para poder ajudar nossas crianças a passar por essa fase, evitando marcas que o preconceito pode produzir na infância.

Segundo Keila Oliveira e Sueli Salva (2010), gênero permite analisar o comportamento dos indivíduos com base nas diferenças sociais e culturais, construídas ao longo do tempo, as quais têm a tendência de reproduzi-las. O gênero analisa as vivências dos sujeitos para além do critério biológico. Como conceito, gênero é diferente de sexo. O sexo é biológico, gênero é um conceito ligado à reprodução social em sua totalidade, e o sexo é apenas um dos seus componentes (NAROTZKY, 1995).

Sendo assim, segundo Louro (1997), as relações de gênero interferem na constituição da identidade e esta por sua vez interfere na constituição do gênero, sendo assim a identidade não é determinada biologicamente. São comportamentos construídos socialmente que nos direcionam e nos fazem compreender o que é ser homem e o que é ser mulher.

Tendo como um dos objetivos: observar se há estereótipos de gênero nas brincadeiras infantis, devemos entender o que são esses estereótipos, pois, segundo Kellen Cristina Florentino Reis (2008), estereótipos sexuais são formados em um contexto cultural que estabelece padrões do masculino e do feminino no processo educacional na sociedade e na família. Gênero entende-se pela relação que a sociedade atribui às características estabelecidas para homens e mulheres, configurando um padrão de conduta, que pode influenciar na formação de valores, crenças, traços de personalidade, comportamentos, habilidades, enfim, na representação do papel a ser desempenhado.

A etimologia do termo estereótipo vem de duas palavras gregas, *stereos* que quer dizer rígido, e *típus* que significa traço. Na psiquiatria do século XIX, o uso da palavra estereotipia significava a repetição frequente de um mesmo gesto, postura ou fala em pacientes dementes; palavra emprestada do jargão tipográfico que usa de um molde

metálico nas oficinas tipográficas para a impressão repetitiva e mecânica, sem precisar ser substituído (PEREIRA, 2002).

Para o pesquisador Pereira (2002, p. 157-158), os estereótipos podem ser caracterizados por:

Artefatos humanos socialmente construídos, transmitidos de geração em geração, não apenas através de contatos diretos entre os diversos agentes sociais, mas também criados e reforçados pelos meios de comunicação, que são capazes de alterar as impressões sobre grupos em vários sentidos. (...). Uma vez formados, os estereótipos são transmitidos por um conjunto bastante amplo de canais de transmissão, alguns destes canais referem-se a elementos mais amplos da sociedade, tais como os políticos, sociais, os culturais e os educacionais.

Sendo assim, segundo Claudia Regina Renda Bísaro (2009), percebemos que é de suma importância que, como docentes, tenhamos presente as transformações pelas quais nossas crianças passam durante todo o processo da infância. Devemos estar atentos e lembrar que a ação educativa construída na educação infantil pode produzir marcas, principalmente na construção da identidade de gênero da criança.

Ainda conforme Bísaro (2009), percebemos ao longo dos anos que a visão de infância vem passando por transformações, voltadas para as necessidades das diferentes infâncias, suas especificidades, interesses, vontades variadas, de sociedade para sociedade e de cultura para cultura. A unidade educativa ou o educador/a que enxerga a criança de forma singular, com suas diferenças, cultura, necessidades próprias, conhecimentos próprios e os leva em consideração na sua prática educativa, pode estar procurando contribuir com uma educação sem discriminação.

É importante discutirmos a temática de gênero na educação, porque o espaço escolar por meio de projetos, planejamentos, práticas pedagógicas, brincadeiras, torna-se um local apropriado para discutir e refletir sobre desigualdades entre gêneros. A falta de conhecimento sobre a questão de gênero por parte dos profissionais da educação ou os que têm conhecimento, mas não estão dispostos a mudar sua forma de pensar e agir vem contribuindo para que a escola não desenvolva seu papel de combate a atitudes e

comportamentos preconceituosos. Assim devemos procurar sempre, com a observação do cotidiano e das ações na rotina, acolher as diversidades de preferências por brincadeiras, independente do sexo da criança (GRAUPE e BRAGAGNOLLO, 2015).

Segundo Graupe e Bragagnollo (2015, p. 15, 16):

A escola sendo o melhor espaço para construir relações quanto ao respeito e reconhecimento às desigualdades e diferenças em relação a gênero, classe, raça e níveis de aprendizagem, por exemplo, deve possibilitar um espaço pedagógico plural, que priorize uma educação na qual educandas/os não sejam reproduzidas/es de papéis impostos por uma sociedade que reforça um único padrão a ser respeitado.

Para compreender como e o que as crianças sabem e aprendem sobre os elementos sociais e culturais quando estabelecem suas relações no cotidiano de uma instituição de Educação Infantil e na relação que as crianças estabelecem com outras crianças e com os adultos, faz-se necessário muito estudo, sendo que a categoria gênero envolve uma gama de conhecimento (BUSS-SIMÃO, 2013).

Conforme Vianna e Finco (2009), pensar sobre práticas, habilidades e configurações corporais infantis, como relações sociais de gênero, reconhecidas e valorizadas na e pela cultura na qual se inserem se torna indispensável. Torna-se importante questionar de que maneira isso se dá na educação de meninos e meninas de que forma seus corpos trazem essa mensagem, com que disciplina, postura e comportamentos.

De acordo com Claudia Vianna e Daniela Finco (2009, p. 271, 272) diz:

Nosso corpo, nossos gestos e as imagens corporais que sustentamos são frutos de nossa cultura, das marcas e dos valores sociais por ela apreciados. O corpo - seus movimentos, posturas, ritmos, expressões e linguagens - é, portanto, uma construção social que se dá nas relações entre as crianças e entre estas e os adultos, de acordo com cada sociedade e cada cultura. Ele é produzido, moldado, modificado, adestrado e adornado segundo parâmetros culturais.

Para entender melhor podemos citar a autora Buss-Simão (2013) que em sua pesquisa de doutorado tinha como objetivo identificar entre crianças pequenas, em um contexto de Educação Infantil, formas, significações e vias de transmissão de elementos culturais e sociais envolvendo a dimensão corporal. A pesquisa foi feita a partir de

indicações dadas pelas próprias crianças, distinguiu-se a categoria gênero como central e constitutiva de suas relações e interações. Por meio da análise dos vários episódios, foi possível identificar uma gama de contradições no processo de construção de gênero, permitindo compreender modos e formas de as crianças construírem e assumirem o gênero em ações. Situações múltiplas, complexas, contraditórias e dinâmicas. As crianças são espontâneas e por isso se tornam resistentes e desafiam com ações inovadoras e contestadoras a imposição de estereótipos e elementos sociais e culturais, outras vezes, atualizam, reforçam ou reproduzem os preceitos e estereótipos de separação de gênero da sociedade mais ampla.

No decorrer da pesquisa, a autora identificou o modo como o gênero constitui uma categoria central para as crianças nas relações sociais que estabelecem. Constatou que no cotidiano de uma instituição de Educação Infantil requer muito estudo para obter a compreensão sobre o aprendizado das crianças e seus saberes sobre elementos culturais e sociais (BUSS-SIMÃO, 2013).

Como nos diz Maria Angélica Menezes Freire (2010), a criança dá significado, recriando e transformando a cultura do seu grupo. Na relação de troca com o outro a criança resignifica e estabelece a capacidade de conhecer e apreender por meio da sua interação na escola e no seu lar. A cultura escolar, muitas vezes, naturaliza os desiguais, sem considerar se aquela criança que aprende, pergunta e instiga, é menina ou menino. A criança precisa vivenciar experiências que enriqueçam, criando nelas o desejo de ousar, ser criativa, habilidosa e ativa, contribuindo para o desenvolvimento da afetividade, autoestima, raciocínio e linguagem.

Pensando assim, Camila de Lima Neves (2014), nos frisa que como educadores, para falar sobre a temática de gênero, precisamos rever nossos conceitos com respeito à diversidade, para que a escola seja um ambiente democrático, respeitando às diferenças, contribuindo assim para uma sociedade sem preconceitos. Percebemos que a brincadeira pode contribuir para o desenvolvimento da percepção da criança com suas vivências do cotidiano escolar, do que é ser menina ou menino.

Segundo Bísvaro (2009, p. 35) diz:

A escola limita espaços, ela impõe o que pode e o que não pode, utilizando-se para isso de subterfúgios para instituir o que os meninos podem e o que as meninas podem, criando com isso, já no interior da escola, distinções de agrupamentos nos mais diferentes contextos: no pátio, no refeitório, na sala de aula, nas brincadeiras, legitimando desde cedo uma educação sexista geradora de futuras desigualdades e rivalidades.

Por isso, Finco (2003), ao considerar que as relações das crianças na educação infantil apresentam-se como forma de introdução de meninos e meninas na vida social, no momento em que passam a conhecer e aprender regras e valores passa a interagir, participando nas construções sociais. A unidade educativa não está neutra, de forma efetiva ela participa na formação da identidade de gênero, muitas vezes de forma desigual. Isso acontece desde as primeiras relações da criança no ambiente coletivo da Educação Infantil. Discutir as questões de gênero na educação significa refletir sobre relações das práticas educacionais no dia a dia, desconstruindo e redescobrimo significados, questionando conceitos pré-concebidos. Relacionar gênero e infância permite que possamos observar as várias formas de ser menino e de ser menina.

CAPÍTULO 2: O BRINCAR E A CRIANÇA

A Educação Infantil é a primeira etapa da educação básica e tem suma importância na formação do sujeito, dando início ao processo de conhecimento de si e do mundo. Sendo a brincadeira a atividade principal na Educação Infantil, torna-se a atividade responsável por governar as mudanças mais importantes nos processos psíquicos e nos traços psicológicos da personalidade infantil (LEONTIEV, 1988).

A brincadeira é uma prática social e histórica adquirida pelos seres humanos. “As primeiras ações lúdicas surgem com base na necessidade crescente da criança de dominar o mundo dos objetos humanos” (LEONTIEV, 1988, p.135).

Segundo Barbosa (2007), o brincar serve para organizar e dar sentido à vida no cotidiano das crianças. O brincar não é um momento em que as crianças param de viver e sentir a sociedade e os seus constrangimentos, mas um momento de construção dessas vidas sociais, com consequências que podem advir da intervenção dos/as adultos/as e da interação com outras crianças, construindo-se ordens sociais que podem incluir e/ ou excluir.

Sendo assim, Cássia Cristina Furlan e Verônica Regina Müller (2015), nos trazem a atenção que a experiência com o jogo confirma que o brinquedo pode ser uma forma de aproximar os adultos às ideias das crianças, mesmo sendo gerações tão diferentes. Não sendo a criança um resultado automático da cultura, nem do que as professoras ensinam. Deve-se valorizar a fantasia e o imaginário infantil.

De acordo com Jane Felipe (2008) os brinquedos e as brincadeiras são importantes instrumentos para se problematizar e desconstruir o sexismo, esse termo se refere a preconceitos e discriminação baseada no sexo ou gênero de uma pessoa; sendo que o brincar na infância, é o meio pelo qual a criança vivencia e apreende o mundo a sua volta e tudo o que se relaciona com esse mundo, os papéis e funções sociais de homem e mulher. Quando a criança brinca de ser papai, mamãe, filhinho, filhinha, professor/a, entre outros, a criança representa conhecimentos em relação a esses papéis e funções sociais. Sendo assim, a brincadeira apresenta uma função primordial na Educação Infantil, em especial no que se refere à construção da identidade de gênero.

De acordo com Freire (2010), as crianças vão tentando desmistificar nas interações com seus pares alguns valores conservadores, como futebol é coisa de “menino” e boneca é coisa de “menina”. Assim, vão produzindo as culturas infantis, com opiniões que vem subvertendo os padrões sociais construídos historicamente.

É interessante que Finco (2003), diz que quando se pensa na criança e na sua cultura, pode-se encontrar na brincadeira formas de expressão de como a criança se manifesta. A brincadeira se tornou uma forma para conhecer e observar a criança mais de perto, sendo momentos ricos para favorecer a produção da cultura infantil. A todo o momento as crianças experimentam diferentes formas de brincadeira, buscando novos prazeres, de forma curiosa, descobrindo tudo a sua volta. Quando vem a fazer algo que não é esperado para cada sexo, mostram que a instituição de Educação Infantil pode apresentar de maneira positiva, para que o ambiente da Educação Infantil venha a ser um espaço propício para o não-sexismo. Sendo importante que o profissional que trabalha na educação tenha consciência deste potencial, repensando assim sua prática educativa. A escolha e a utilização dos brinquedos pela criança tornam-se pontos importantes de análise para refletir sobre as relações entre meninos e meninas, sendo os brinquedos compreendidos como elementos culturais, portadores de significados e de um enredo social.

Segundo Vianna e Finco (2009, p. 273) diz:

Os brinquedos oferecidos às crianças estão carregados de expectativas, com simbologias e intenções. As expectativas em relação à diferença de comportamento que se deseja para o menino e para a menina, justificadas pelas diferenças biológicas, acabam proporcionando distintas vivências corporais e determinando os corpos infantis: meninos e meninas têm no corpo a manifestação de suas experiências.

Sendo assim, Bíscaro (2009), diz que muitas vezes percebeu exemplos que podem reforçar à masculinidade quando nas brincadeiras, os meninos são envolvidos em situações ativas, como correr, pular, subir em árvores, jogar bola; as meninas, por sua vez, são colocadas em situações de passividade, meiguice, fragilidade, como brincar boneca, casinha. Reforçando estereótipos, brincadeiras e comportamentos esperados e desejados dos meninos e das meninas.

Segundo Finco (2004), quando pensamos na criança em todas as suas dimensões, podemos encontrar na brincadeira a forma como a criança se manifesta culturalmente, oferecendo possibilidades de investigação a partir da sua cultura e das condições que podem ocorrer. Em sua pesquisa, através da observação, registrou brincadeiras coletivas, nas quais meninos e meninas se revezam nos papéis, sem menosprezar ou desprezar papéis considerados masculinos ou femininos, a criança buscava um companheiro para brincar e vivenciar momentos agradáveis, não importando se é homem ou mulher, se é menino ou menina. As relações das crianças na Educação Infantil apresentam-se como forma de introdução das crianças na vida social, quando passam a conhecer e aprender seus sistemas de regras e valores, interagindo e participando nas construções sociais.

De acordo com Freire (2010), a unidade educativa pode ser um espaço onde os laços afetivos são criados e praticados. Assim, docentes e discentes dão vida e fazem desse lugar um espaço de vivência e convivência. Todos os espaços são utilizados pelas crianças, onde circulam, fazem atividades sozinhas, com outras crianças e com adultos. Constroem assim seu cotidiano escolar, estabelecem relações de gênero, de poder; a forma como se organizam vai dando sentido a cada espaço ocupado.

Por isso que, para Pereira e Oliveira (2012), a brincadeira é de suma importância para as crianças na Educação Infantil, pois o brincar contribui para o seu desenvolvimento. O momento da brincadeira configura-se como um espaço no qual as crianças podem fazer uso de sua liberdade para criar, além de participar dos momentos de socialização, desenvolvendo a afetividade, construindo suas identidades, dando sentido ao seu mundo de forma prazerosa, por meio das experimentações oportunizadas pelas brincadeiras.

Para concluir, Vera Lúcia Kuhn Bruxel (2015), nos trás a atenção que a brincadeira é importante no ambiente escolar para estimular o raciocínio e promover boa relação entre meninos e meninas, contribuindo para que a aprendizagem seja prazerosa e descontraída. O jogo simbólico, o faz de conta, é importante para o desenvolvimento da criança, pois é através da brincadeira que elas aprendem a trabalhar suas emoções, dominam regras, revivem os seus conflitos e medos. As brincadeiras e os jogos simbólicos fazem parte do dia a dia dos meninos e das meninas das escolas de

Educação Infantil, desenvolve a imaginação, a curiosidade, a autonomia, a criatividade, a linguagem, os limites, e fazem com que as crianças compreendam melhor a realidade e o mundo em que vivem. As escolas também participam da construção da identidade de gênero, a partir de diferentes culturas, tendo início nas primeiras relações das meninas e dos meninos no ambiente coletivo da Educação Infantil.

CAPÍTULO 3: METODOLOGIA

3.1: TIPO DE ESTUDO

Esta pesquisa é qualitativa e se deu através de observação em sala de aula e no parque.

Segundo, Alda Judith Alves Mazzotti (2004, p. 164) diz:

A observação dos fatos, comportamentos e cenários é extremamente valorizada pelas pesquisas qualitativas que se caracterizam pela utilização de múltiplas formas de coletas de dados e tem como vantagens permitir checar, na prática, a sinceridade de certas respostas que, às vezes, são dadas só para causar boa impressão, permite identificar comportamentos não intencionais ou inconscientes e explorar tópicos que os informantes não se sentem à vontade para discutir e permite o registro do comportamento em seu contexto temporal espacial (MAZZOTTI et al., 2004, p. 164).

Percebemos aqui a importância da observação em qualquer trabalho de pesquisa. É na prática do cotidiano escolar que vamos procurar analisar, entender e compreender as várias situações que envolvem gênero na Educação Infantil no que se referem às brincadeiras, brinquedos e preferências das crianças. Tendo como objetivo identificar o comportamento das crianças e falas que mostram preconceitos e discriminações quanto a estereótipos e/ou relações de gênero, propondo ações que possam respeitar o direito das crianças quanto suas escolhas de brinquedos, brincadeiras e grupo de amizade sem que se tenham preconceitos quanto às relações e estereótipos de gênero.

No meu ambiente de trabalho, onde sou auxiliar de sala, participo juntamente com a professora em todos os momentos propostos. Sendo meu local de trabalho é de suma importância o cuidado num ambiente que me é familiar. Tenho que saber lidar com percepções e opiniões já formadas, para poder observar levando em conta as experiências pessoais, porém ter como base a teoria e a metodologia da pesquisa.

Conforme, Denize Terezinha Teis e Mirtes Aparecida Teis (2006, p.6) dizem:

O princípio do estranhamento se faz necessário para o professor/pesquisador que volta seu olhar à sala de aula, principalmente, porque tudo o que ocorre nesse ambiente lhe parece “natural”. Alguns aspectos se tornam invisíveis aos olhos do professor/pesquisador que poderá naturalizar julgamentos e posturas tanto suas quanto de seus alunos.

Quando o ambiente de pesquisa é o ambiente de trabalho, devemos ficar atentos para o olhar familiar com estranhamento, isso é muito importante para saber lidar com opiniões já formadas, levando em conta minha experiência, porém me baseando no referencial teórico e procedimentos metodológicos.

3.2: CENÁRIO DO ESTUDO

O local de estudo foi no Núcleo de Educação Infantil – Armação (NEI-Armação) com um grupo constituído com crianças de 4 a 6 anos que frequentam o período integral.

Todo início de ano é escolhido um nome para a turma, essas crianças escolheram “Turma do Sítio”, assim durante todo o ano é trabalhado esse tema. O Nei Armação é um Núcleo de Educação Infantil localizado no Bairro da Armação do Pântano do Sul, conhecido por suas lindas praias, a praia da Armação e do Matadeiro. Começou na década de 80 com três salas e foi ampliando, hoje possui dez salas com atendimento de período integral e parcial.

A maioria das crianças que frequentam a unidade é de classe média- baixa, cujos pais são pescadores, empregadas domésticas, professores, comerciantes, balconistas, entre outros. A maioria dos professores tem nível superior e especialização, algumas moram na comunidade, outras nos bairros próximos.

As crianças contumam brincar na sala de aula e no parque, a brincadeira se dá em vários momentos como após as refeições e quando acordam do sono. As crianças brincam em vários espaços da sala, onde tem o canto da casinha, da literatura, as mesas e o tapete.

No parque a brincadeira é mais livre, onde tem bastante espaço para se locomover e brinquedos diversos para subir, escorregar e areia para manipular. Há bastante brinquedos na escola, na sala de aula tem jogos de quebra cabeça, memória, montar, *lego*. No canto da casinha têm bonecas, loucinha, bichos de pelúcia, carrinhos, mercadinho com embalagens recicladas. Nas mesas as crianças brincam com papel, revistas, lápis, canetinha, giz, tintas, livros, jogos, etc. Nas sextas feiras é o dia estipulado para trazer brinquedos de casa, geralmente as meninas trazem bonecas e os meninos trazem bonecos de super-heróis.

Quando chego ao NEI Armação, a maioria das crianças está dormindo, outras estão despertando. As que vão acordando são convidadas a se levantar, colocar o calçado e ir ao banheiro, depois se dirigem ao refeitório para fazer a prévia que geralmente é servido frutas. Quando todas acordam e estão alimentadas algumas vezes é proposto brincadeiras na sala, outras vezes as crianças escolhem do que preferem brincar ou é elaborada alguma atividade pedagógica, sendo que a brincadeira é o eixo da Educação Infantil. Quando não está chovendo vão para o parque. Depois retornam para a sala para jantar, fazem a higiene e brincam do que preferir. A partir das 17:00 horas, algumas vão para casa de transporte escolar, outras com os pais.

3.3: PARTICIPANTES DO ESTUDO

Os participantes são crianças de 4 a 6 anos, composta de 22 crianças. Em uma reunião de pais expliquei sobre a pesquisa e pedi que assinassem a autorização do termo de consentimento livre e esclarecido que está em anexo um modelo na página final desta pesquisa. Mediante a autorização assinada pela maioria dos pais e/ou responsáveis pude fazer observações e relatá-las no meu caderno de campo.

3.4: COLETA DOS DADOS

A coleta de dados se deu por observação; a observação se deu de 05/10/2016 à 27/10/2016, fui cinco dias por semana na escola. Os instrumentos que foram utilizados: papel e caneta. Mantive registros no caderno de campo que é um instrumento indispensável onde contém os registros com detalhes das informações, observações, bem como as reflexões que foram surgindo durante toda a pesquisa (DALVA INÊS DE SOUZA, 2013).

Fiz registros de atitudes e falas que trazem estereótipos e situações que envolvem gênero na Educação Infantil no que se referem às brincadeiras, brinquedos e preferências das crianças.

CAPÍTULO 4: A PESQUISA DE CAMPO

A partir do que foi observado no campo e tendo em vista a pergunta dessa pesquisa: O brincar de crianças com idade de 4 a 6 anos do NEI Armação apresentam atitudes preconceituosas e/ou discriminatórias quanto às relações de gênero? Podemos chegar a uma análise e ter uma resposta mais específica sobre o assunto.

Segundo, Freire (2008, p.4), através de sua pesquisa a autora afirma:

que as crianças vão construindo suas identidades nas experiências com o ambiente físico e social e, assim vão captando e elaborando formas de ser menina e menino mediante suas relações, na escola, na família, na rua, com seus pares, nas brincadeiras. O sujeito infantil é constituído por diversos discursos e diferentes instituições: a família, a escola, a igreja, os meios de comunicação, e são essas instituições que vão apontar e moldar as formas como os sujeitos, por meio dos discursos internalizados, vão se relacionar com o mundo onde estão inseridos.

Descrevo algumas das cenas registradas no caderno de campo, através do que foi observado, é possível fazer reflexões quanto à importância da temática de gênero estar presente na escola desde muito cedo. Entre as muitas cenas observadas escolhi apenas oito delas, que considerei mais pertinentes ao tema desta pesquisa “Gênero na Educação Infantil”. A escolha das cenas foi baseada em tudo que foi estudado e analisado referente ao tema, a maioria apresenta estereótipos e falas que trazem questões de gênero.

Cena 1:

Brincando na casinha uma menina começa a dividir as funções de cada criança, um será papai, outro filhinho, outra filhinha, e ela será a mamãe. Então diz para o filhinho arrumar o quarto que está todo bagunçado. O menino responde que na sua casa quem arruma o quarto é a mamãe e que menino só brinca. Então a menina pede para o papai arrumar o quarto. O “papai” diz que isso é coisa de menina. (Diário de campo, dia 04/10/2016).

De acordo com Angélica Silvana Pereira e Ericka Marcelle Barbosa de Oliveira (2012), sendo a brincadeira compreendida como uma linguagem utilizada pelas crianças para se expressar e se comunicar durante a infância, tendo grande importância

no desenvolvimento social, afetivo e intelectual das mesmas. Elas fantasiam em sua imaginação, criam e recriam situações de vivências do seu cotidiano dando sentido e conotações parecidas ou diferentes a cada experiência. Com frequência as crianças causam estranhamento quando demonstram comportamentos considerados não adequados ao seu sexo durante as brincadeiras e outras atividades da Educação Infantil.

Percebemos nessa cena que, em uma brincadeira cotidiana de casinha as crianças vêm trazendo falas de seu convívio familiar, mostrando preconceito quanto às tarefas domésticas como sendo o feminino responsável por executá-las.

Segundo Mara Coelho de Souza Lago, Carolina Duarte de Souza, Erikson Kaszubowski, Marina Silveira Soares (2009, p. 358), diz que:

Uma das dicotomias que organizaram o pensamento moderno consistiu na separação entre as esferas pública e privada, que se constituiu como efeito da ascensão da burguesia, no modo capitalista de produção. Nesta dicotomização, as mulheres foram destinadas às funções nos espaços privados, enquanto os homens tiveram acesso aos espaços públicos de trabalho. As funções valorizadas eram as exercidas nos espaços públicos, de decisões políticas, enquanto os trabalhos realizados nos espaços domésticos, privados, foram sempre considerados de menor valor.

Constatamos então que o privado, como sendo o espaço do trabalho doméstico, era atribuído para a mulher, passando a organizar o cotidiano familiar tendo como referência a afetividade. O público, da esfera política, era destinado ao homem como racionável e eficaz no poder e na tomada de decisões, com espaço definido pela produção. Essa constatação vem de uma construção de séculos e vai passando de geração para geração, ao mesmo tempo em que cria/reforça realidades.

No século XVIII o espaço privado foi atribuído às mulheres, enquanto o espaço público aos homens, apesar de tantas mudanças históricas, das mulheres já estarem no mercado de trabalho, discursos tão antigos ainda circulam com status de verdades inquestionáveis. Essas brincadeiras demonstram que esses discursos antigos ainda estão vivos e presentes. As crianças representam o que é vivenciado no seu cotidiano, mostrando que essas falas ainda ocorrem em seu convívio com adultos.

Cena 2:

No hall, é proposto brincadeiras com bola, só estão brincando meninos, então uma menina também quer brincar, os meninos dizem que não pode porque só menino brinca de bola, a professora também entra na brincadeira e começa jogar, os meninos aceitam, e a professora convida a menina para jogar também e diz: eu também sou menina estou jogando e ela também vai jogar, então todos jogam juntos. (Diário de campo, dia 05/10/16).

Nesta cena percebemos estereótipos de que jogar bola é coisa de menino, somente com a intervenção de um adulto é que os meninos aceitam que a menina participe da brincadeira. Conforme analisado, brincar é um momento de construção de vidas sociais, com a intervenção dos/as adultos/as e da interação com outras crianças, pode ocorrer situações de inclusão e/ ou exclusão.

Segundo Ileana Wenzel (2012, p.92), através de sua pesquisa a autora afirma:

Há elementos que incluem o modo como o gênero é incorporado nas brincadeiras e como ele opera nesse contexto. Essa incorporação ocorre de diversos modos ou maneiras, constituindo diferentes processos de generificação. Com o termo “processo de generificação”, refiro-me aos diferentes modos através dos quais significados ou atributos culturais de feminilidade e de masculinidade são incorporados/aprendidos pelos sujeitos, e a partir dos quais eles articulam diferentes negociações, rejeições ou aceitações que constituem essas aprendizagens. Assim, examinar os processos de generificação que se dão nas vivências coletivas de crianças permite discutir como, a quem e de que jeito os significados culturais de feminilidade e masculinidade são atribuídos nas brincadeiras que as crianças realizam.

Percebemos que alguns discursos sustentam essas falas, como o masculino sendo ativo e o feminino sendo passivo, generificando a infância, as brincadeiras. Podemos observar alguns elementos ligados ao universo masculino. Ao dizer que só menino brinca de bola, nota-se que geralmente o sujeito que fala para marcar esse lugar do masculino é menino, e não menina. Mesmo hoje em dia tendo times de futebol feminino e várias modalidades que tem a bola como objeto central do esporte, ainda ouvimos discursos que trazem estereótipos de que só o sexo masculino entende de jogar bola.

De acordo com Bianca Zacché Ribeiro, Marcello de Castro Rodrigues Felipe, Marcelo Rubens da Silva, Adriano Percival Calderaro Calvo (2013), no esporte a mulher sofreu um longo processo de discriminação pelos homens, com argumentos de que a mulher é frágil, dificultaram sua participação em diversas modalidades. No início

elas não competiam oficialmente, apenas como participantes, assim não ganhavam medalhas, apenas certificados. Na década de 30 elas foram consideradas atletas oficiais dos Jogos Olímpicos. As primeiras modalidades femininas inseridas foram o tênis, tiro com arco, natação e o hipismo. Com o tempo houve um aumento gradual da porcentagem de participação de atletas do gênero feminino nos jogos.

Assim sendo, os jogos esportivos e muitas modalidades eram considerados masculinos, porém ao longo do tempo foram se modificando.

Cena 3:

Em sala de aula um menino estava brincando com uma boneca e um super herói, em sua fantasia, os dois são namorados, uma menina olha e diz: - “Olha prof. Ta brincando de boneca, isso é brincadeira de menina”. O menino falou: - “Não ta vendo que ela é namorada do Homem-Aranha, ele tem namorada no filme”. Então a professora diz: ele está brincando, cada um brinca do que preferir. (Diário de campo, dia 07/10/16).

Notamos que os brinquedos fazem parte do cotidiano das crianças e percebe-se que a brincadeira com boneca e delegado para as meninas, o menino tem que justificar o porquê de estar brincando com a boneca. As questões de gênero são fortemente demarcadas nessa cena. Quem brinca com bonecas são ou deve ser apenas as meninas, para fantasiarem sobre o cotidiano das mulheres. Os meninos se restringem em torno do namoro com super herói. Tal comportamento imposto pela cultura acaba reforçado, mesmo inconscientemente, por inúmeras atitudes com a criança, no dia a dia. Assim, quando meninos brincam com bonecas não costumam representar o papel de mãe e sim do pai que trabalha fora, sustenta a casa, não cuida das crianças ou, da namorada do Homem-Aranha.

Segundo Vianna e Finco (2009), as crianças vêm sofrendo opressões, mesmo assim, meninos e meninas experimentam, inventam e criam, mostrando que o modo como estão sendo educados pode contribuir para limitar suas iniciativas e suas aspirações, mas também para se tornarem mais completos. A brincadeira se tornou uma forma para conhecer e observar a criança mais de perto, sendo momentos ricos para favorecer a produção da cultura infantil. A todo o momento as crianças experimentam

diferentes formas de brincadeira, buscando novos prazeres, de forma curiosa, descobrindo tudo a sua volta.

Conforme o artigo “Brinquedo e educação: na escola e no lar”, publicado por Edda Bomtempo (1999, p. 01), diz:

Brincando, a criança se inicia na representação de papéis do mundo adulto que irá desempenhar mais tarde. Desenvolve capacidades físicas, verbais e intelectuais, tomando capaz de se comunicar. O jogo ou brinquedo são, portanto, fatores de comunicação mais amplos do que a linguagem, pois propiciam o diálogo entre pessoas de culturas diferentes.

De acordo com esta citação, mesmo com falas e observações de algumas crianças com respeito a se certo brinquedo é destinado para menino ou para menina, as crianças criam, fantasiam, experimentam e trocam saberes e vivências. O experimentar da brincadeira contribui para o desenvolvimento infantil, para o conhecimento de diferentes formas de cultura, para que aprendam com prazer e descontração, trabalhando suas emoções e conflitos. As brincadeiras e os jogos simbólicos desenvolvem a imaginação, a curiosidade, a autonomia, a criatividade, a linguagem, os limites, e fazem com que as crianças compreendam melhor a realidade e o mundo em que vivem. Quando é dito e repetido para uma criança que boneca é brincadeira de menina, elas trazem de seu cotidiano essas falas que mostram estereótipos do que é correto para cada sexo, trazendo estranhamento quando observam algo diferente do que lhe foi transmitido.

Cena 4:

No período vespertino, na hora do parque, uma menina de seis anos me viu com uma blusa de moletom azul e disse: tu não podes usar essa cor, é de homem. Daí eu perguntei: por quê? Ela respondeu que azul é de menino e rosa é de menina. Então sua professora interveio e perguntou para ela que cor é o vestido da Frozen e da cinderela, ela disse: azul. Então elas são meninos? Perguntou a professora. Não, respondeu ela. Mas é azul claro. A professora perguntou: O teu pai não tem nenhuma roupa rosa? Outra menina que estava escutando a conversa disse: meu pai tem uma camisa rosa. Então, a professora falou para ela: minha cor preferida é o azul, de outras pessoas é rosa, amarela, vermelha, não importa se é menino ou menina, o que importa é gostar e se sentir bem. (Diário de campo, dia 10/10/16).

Notamos que bem cedo na infância são estabelecidas cores e forma de agir como sendo coisa de menino e coisa de menina. Percebemos que muitas dessas falas são trazidas do convívio familiar e da cultura de cada indivíduo, mostrando que a mídia também influencia nos gostos e preferências de cada ser. Mesmo antes de nascer, quando diagnosticado o sexo pelo ultrassom, os familiares já começam a estabelecer cores e brinquedos, transformando o feto em consumidor antes do nascimento.

Segundo Maria Simone Vione Scwengber (2013), as imagens publicitárias contribuem para a construção das identidades e significados relativos ao modo como os gêneros femininos e masculinos devem apropriar-se dos sentidos existentes por meio dos comportamentos e padrões. A propaganda valoriza e nomeia determinados comportamentos como sendo de meninas e de meninos, dando-lhes tratamento social diferenciado, de acordo com as expectativas corporais e segundo o gênero das crianças, como construções sociais, históricas, datadas e localizadas.

Cena 5:

No dia 11/10/2016: Brincando com fantasias, roupas e vários acessórios, o menino veste saia e amarra um lenço na cabeça para fazendo de conta que são seus cabelos. Uma menina olha e diz que cabelo comprido e saia só mãe usa. (Diário de campo, dia 11/10/16).

Percebemos nessa cena que a menina atribuiu os cabelos compridos e a saia como fantasia apropriada só para o feminino, não levando em conta a preferência e a imaginação do menino.

De acordo com Alexandre Toaldo Bello e Jane Felipe (2010), o modo pelo qual as crianças se comportam, o que elas fazem ou dizem são produzidos a partir do que elas pensam serem os desejos adultos para as suas constituições de gênero. Muitas vezes com posturas e falas, tentando parecer que sabem o que é ser homem ou ser mulher. Muitas pessoas pensam o mundo buscando garantir a heterossexualidade desde a infância. Desde muito cedo, especialmente os meninos, vem mostrando demonstrações onde precisam vincular sua masculinidade com a heterossexualidade.

Notamos que em nossa cultura, o quanto as famílias e até professores/as, costumam pontuar o que é próprio para meninos, podendo comportamentos que normalmente são atribuídos ao feminino. Desde muito cedo, os meninos já possuem seus códigos de como ser sujeitos masculinos, tendo muita informação para dizer se são homens, machos.

Ainda conforme Bello e Felipe (2010), é interessante pensar que a inserção dos meninos e dos homens na masculinidade pode se dá de formas diferentes, sendo possível o afastamento e a aproximação de uma masculinidade específica sem que isso se configure em um problema que deva ser resolvido por eles, meninos. A grande preocupação com esse trânsito em torno de uma masculinidade se dá por conta dos muitos investimentos feitos para que ela seja atingida, estando bastante mais relacionado às expectativas adultas.

Em muitas culturas o tamanho de cabelo não é considerado como sendo cabelos compridos para meninas e curtos para meninos, hoje percebemos várias formas de ser e viver que a maioria das crianças acha natural, pois alguns pais usam estilos de cabelos compridos. Porém em outras culturas as construções de estereótipos de masculinidade acabam reduzindo as várias formas de se vivenciar a masculinidade.

Cena 6:

Dois meninos conversam trocando ideias sobre alguns jogadores de futebol, um diz que o Neymar é o melhor, outro diz que o melhor é o Marquinho. Nesse momento uma das meninas entra na conversa e diz que gosta do Brasil. Então os meninos respondem que Brasil é o time e que menina não sabe nada de futebol mesmo. (Diário de campo, dia 13/10/16).

Segundo as autoras Luciane Knüppe, Patrícia B. Macedo Vianna, Roberta Jung Marcon (2004), na Educação Infantil a elaboração de papéis e identidade ocorre de forma visível através das brincadeiras e atividades lúdicas, estimulada em alguns momentos pelos educador/as em relação à forma de brincar e restrições em relação ao ambiente do brinquedo. Quando a criança desenvolve o conceito de gênero, ela também aprende o que acompanha ou deve acompanhar cada gênero em específico. Por isso, nessa fase a criança costuma atribuir uma série de valores de “certo” e “errado” para os

comportamentos de papel sexual, como por exemplo, menino brinca com carrinho e menina com bonecas.

Com a observação podemos perceber nas falas das crianças, preconceitos já estereotipados do tipo “menina não brinca de carrinho”, “menino não brinca de boneca”, “brincar de casinha é coisa de menina”, “jogar bola é só com menino, menina não sabe”.

De acordo com Ileana Wenez (2012), na procura de problematizar o que tomamos como ‘natural’, busco observar as configurações nos modos de viver o masculino e o feminino na infância. Como essas concepções atravessam expressões do cotidiano desnaturalizando os sentidos atribuídos às relações de gênero vivenciadas na creche. Sendo assim é possível pensar que as crianças também aprendem a ser meninas e meninos e que, segundo os diferentes contextos sociais, desenvolvem estratégias com diversidade durante suas brincadeiras e de maneira diferenciada. Incluindo as diversas formas de se relacionar, sendo que meninos e meninas vivenciam vinculados com as formas como a cultura produz essas vivências do masculino e do feminino de forma coletiva.

Percebemos então nessa cena comportamentos e falas atribuídas ao sexo masculino, como se somente os homens entendessem de futebol, muitas dessas falas são trazidas de casa e repetidas no cotidiano escolar.

Cena 7:

Um menino está brincando com um super-herói homem de ferro que trouxe de casa na sexta que é dia do brinquedo. Então pega uma boneca Barbie e começa a brincar de faz de conta que são namorados, outro menino também pega seu boneco Hulk com outra boneca e começam a brincar juntos. Um diz que a sua namorada do homem de ferro é mais bonita, o outro diz que a mais bonita é do hulk, não o homem de ferro tem a namorada mais bonito porque o hulk é feio. Outro diz que é feio porque se transformou, mas a namorada dele gosta porque ele é forte. O homem de ferro é mais forte ainda, retruca o outro. (Diário de campo, dia 14/10/16).

Analizamos nessa cena que meninos também brincam de boneca, porém vem trazendo estereótipos do que é feio ou bonito, mais forte, mostrando preferência pelo mais belo e mais forte.

Segundo Bello e Felipe (2010), existem várias representações do que é ser homem ou mulher, diversas expectativas sobre suas atitudes e o corpo físico, valorizando socialmente mais um do que o outro. Uma das estratégias mais utilizadas é o argumento da natureza, para justificar comportamentos desiguais entre o feminino e o masculino. Dessa forma, a agressividade, costuma ser atribuída ao homem como se fosse natural.

Na nossa sociedade é atribuída a fragilidade e a meiguice ao sexo feminino, e a agressividade e a força ao sexo masculino como se fosse natural. Assim desde a infância esses estereótipos são imitados e repetidos de várias formas e em diferentes culturas.

Cena 8:

No cantinho do salão de beleza, dois meninos estão brincando de se pentear, quando chega uma menina e diz que o salão é de meninas. Um dos meninos sai, desistindo da brincadeira, o outro diz que pode ficar porque tem cabelos compridos para pentear. A menina retruca dizendo que o cabelo dele é de menina. O menino responde que o cabelo da professora é curto e ela não é menino. Então os dois seguem brincando juntos. (Diário de campo, dia 18/10/16).

Percebemos nessa cena preconceitos na forma e preferência de usar o cabelo e no estilo de cada criança, mostrando falas que mostram estereótipos quanto ao comprimento do cabelo como se somente menina pudesse usar cabelos compridos, mostrando que o menino argumentou bem quando disse que a professora tem cabelo curto sem problema.

Segundo Bello e Felipe (2010, p. 179), diz:

Tendo os olhos voltados para a masculinidade que se desenha ainda na infância é necessário buscar outra explicação para o fato de elas estarem, em um processo dinâmico, se construindo e sendo construídas. Alguns questionamentos nos tomam de assalto, quando pensamos na constituição desses sujeitos infantis: existe a figura do sujeito infantil masculino? Trata-se de algo que precise ser inventado

ou simplesmente deixado de lado? Deixarmo-nos pensar que a infância é um momento de descobertas e que ser homem é algo que se aprende a partir dela é acreditar que existe a masculinidade “lá fora”, ou no caso das descobertas: “lá por baixo”. Imaginarmos que ser homem é uma coisa que se aprende ao longo do tempo é estarmos atestando o por vir.

Conforme esta citação, não se pode ditar o que é ser homem ou ser mulher, levando-se em conta a grande diversidade de masculinidades, as práticas discursivas que nos ensinam o que é ser homem vêm se flexibilizando ao longo do tempo e transformando a forma de pensar da sociedade e das normas de gênero. Na infância não podemos ditar normas do que é ser menino ou menina, cada ser é do seu jeito, com suas diferentes culturas, com seus gostos e estilos, devemos respeitar o diversificado e o diferente.

Na maioria das cenas observadas, percebemos estereótipos e falas que mostram preconceito. Sendo assim, gênero precisa ser um tema discutido nas escolas, no ambiente familiar e nos espaços onde há diversidades. Gênero é um tema que amplia os discursos de inclusão, busca promover o respeito e coibir preconceitos e violências. Sendo que o brincar faz parte da infância, a inclusão da diversidade sendo pensada a partir deste tema busca uma melhor forma de vivenciar os momentos significativos na Educação Infantil, sem preconceito e discriminação. Propiciando assim um ambiente onde os saberes e vivências terão significados positivos para cada ser.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo como Objetivo geral observar e compreender as várias situações que envolvem gênero na Educação Infantil no que se referem às brincadeiras, brinquedos e preferências das crianças. Identifiquei no comportamento das crianças e suas falas que realmente mostram preconceitos e discriminações quanto a estereótipos e/ou relações de gênero.

Nesta pesquisa, busquei entender se as relações de gêneros estão sendo construídas a partir do brincar, das brincadeiras, na forma de agir e nas falas das crianças, se ocorre de forma harmoniosa ou com discriminação e estereótipos. Como educadores devemos sempre nos questionar até que ponto essa questão de gênero interfere na convivência escolar da criança do ponto de vista de atividades lúdicas.

Percebemos que o meio em que a criança vive vai constituindo sua identidade e modo de pensar nas relações em que convive com outros, influenciando na sua maneira de agir e falar. A ideia de que as meninas devem brincar de certos jogos e com determinados brinquedos e os meninos, com outros, é apenas reflexo da sociedade em que vivemos, uma divisão criada pelo mundo dos adultos. Perpetuar essa diferença é limitar o processo de aprendizado das crianças nas atividades lúdicas podendo com isso estar incentivando preconceitos futuros.

Observei que de modo geral, a variedade dos brinquedos e as diversas opções de brincadeiras favorecem para que todos os espaços sejam ocupados por meninas e meninos indiscriminadamente. As crianças brincam espontaneamente com os brinquedos que escolhem sem constrangimentos. Meninos participavam de brincadeiras como cuidar da casa, cozinhar, passar roupa, cuidar dos filhos; meninas brincam de carrinho, bola, jogos de montar.

Assim as crianças trocavam e experimentavam os papéis de gênero durante os momentos de brincadeira. Essas cenas de resistência que não foram analisadas são muito importantes, pois mostram um avanço no comportamento de muitas crianças que não trazem preconceito nem estereótipo do que é aceitável ou não para o seu gênero. Sendo um tema muito interessante para pesquisas futuras.

Percebemos que o brinqueado e a brincadeira têm grande contribuição para o desenvolvimento da percepção da criança do que é ser menina ou menino sendo que elas reproduzem fatos vivenciados diariamente. O mais importante a considerar é que o tema Gênero na Educação Infantil não se esgota, é vivido diariamente e deve ser ensinado e praticado.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, C. A. V. B. **Dos corpos nascidos aos sexos construídos: as representações de gênero das crianças em jardins de infância.** 2007. 223 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade do Minho, Instituto de Estudos da Criança, 2007.

BELLO, Alexandre Toaldo; FELIPE, Jane. **Delineando masculinidades desde a infância.** 2010. Disponível em: <https://instrumento.ufjf.emnuvens.com.br/revistainstrumento/article/view/947/809>. Acessos em 14 de Nov 2016.

BÍSCARO, Claudia Regina Renda. A construção das identidades de gênero na educação infantil. Campo Grande, 2009. 138 p. Dissertação (Mestrado) Universidade Católica Dom Bosco. Disponível em on-line: <http://site.ucdb.br/public/md-dissertacoes/8069-a-construcao-das-identidades-de-genero-na-educacao-infantil.pdf>. Acesso em 11 set.2016.

BOMTEMPO, Edda. Brinquedo e educação: na escola e no lar. **Psicol. Esc. Educ. (Impr.)**, Campinas, v. 3, n. 1, p. 61-69, 1999. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S141385571999000100007&lng=pt&nrm=iso>. Acessos em 01 ago. 2016. <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-85571999000100007>.

BROUGÈRE, G. *Brinquedos e companhia*. São Paulo: Cortez, 2004.

BRUXEL, Vera Lúcia Kuhn. **Brincadeiras de crianças na educação infantil.** 2015. Disponível em <https://www.univates.br/bdu/bitstream/10737/935/1/2015VeraLuciaKuhnBruxel.pdf>. Acessos 28 set. 2016.

BUSS-SIMAO, Márcia. Gênero como possibilidade ou limite da ação social: um olhar sobre a perspectiva de crianças pequenas em um contexto de educação infantil. **Rev. Bras. Educ.**, Rio de Janeiro, v. 18, n. 55, p. 939-960, dez. 2013. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24782013000400008&lng=pt&nrm=iso>. Acessos em 02 ago. 2016. <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-24782013000400008>.

_____. Relações sociais de gênero na perspectiva de crianças pequenas na creche. **Cad. Pesqui.**, São Paulo, v. 43, n. 148, p. 176-197, abr. 2013. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-15742013000100009&lng=pt&nrm=iso>. Acessos em 03 ago. 2016. <http://dx.doi.org/10.1590/S0100-15742013000100009>.

FELIPE, Jane. Proposta Pedagógica. In: BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação à distância. **Salto para o futuro: educação para a igualdade de gênero**. Rio de Janeiro: Ministério da Educação. Secretaria de Educação à distância, nov. 2008. ano 18, v. 26. pp.3-14.

FINCO, Daniela. **Relações de gênero nas brincadeiras de meninos e meninas na educação infantil**. 2003. Disponível em <http://www.cppnac.org.br/wpcontent/uploads/2013/07/Rela%C3%A7%C3%B5es-de-genero-nas-brincadeiras-de-meninos-e-meninas.pdf> >. Acessos em 16 set. 2016.

_____. **Educação infantil, gênero e brincadeiras: das naturalidades às transgressões**. 2004. Disponível em www.cppnac.org.br/.../Relações-de-genero-nas-brincadeiras-de-meninos-e-meninas.p...a. Acessos em 19 set. 2016.

FREIRE, Maria Angélica Menezes. **As Relações de Gênero Entre as Crianças na Educação Infantil**. 2008. Disponível em <http://periodicos.ufes.br/gepss/article/viewFile/3881/3096>. Acessos em 29 ago. 2016.

FURLAN, Cássia Cristina; MÜLLER, Verônica Regina. **O brincar e as relações de gênero: reflexões de crianças e docentes**. Educação. Revista do Centro de Educação, vol. 40, núm. 3, septiembre-diciembre, 2015, pp. 711-722. Universidade Federal de Santa Maria. Brasil. Disponível em: <http://www.redalyc.org/pdf/1171/117141500017.pdf> . Acesso 22 set. 2016.

GRAUPE, Mareli; BRAGAGNOLLO, Regina. **As Diferenças de Gênero no Espaço Escolar**. Florianópolis: Instituto de Estudos de Gênero / Departamento de Antropologia / Centro de Filosofia e Ciências Humanas / UFSC, 2015. Livro didático.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida; ONO, Andréia Tiemi. Brinquedo, gênero e educação na brinquedoteca. **Pro-Posições**, Campinas, v. 19, n. 3, p. 209-223, dez. 2008 . Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-73072008000300011&lng=pt&nrm=iso. Acessos em 01 ago. 2016. <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-73072008000300011>.

KNÜPPE, Luciane; VIANNA, Patricia B. Macedo; MARCON, Roberta Jung. A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DE GÊNERO NA EDUCAÇÃO INFANTIL. Disponível em http://www.portalanpedsul.com.br/admin/uploads/2004/Painel/Painel/06_20_58_A_CONSTRUCAO_DA_IDENTIDADE_DE_GENERO_NA_EDUCACAO_INFANTIL.pdf. Acessos em 15 set. 2016.

LAGO, Mara Coelho de Souza; SOUZA, Carolina Duarte de; KASZUBOWSKI, Erikson e SOARES, Marina Silveira. **Gênero, gerações e espaço doméstico: trabalho, casa e família**. *Paidéia (Ribeirão Preto)* [online]. 2009, vol.19, n.44, pp.357-366. ISSN 0103-863X. <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-863X2009000300010>. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-863X2009000300010&lng=pt&nrm=iso Acessos em 12 nov. 2016.

LEONTIEV, Alexis N. Os Princípios Psicológicos da Brincadeira Pré-escolar. In. VYGOTSKY, L.S.; LURIA, Alexander R.; LEONTIEV, Alexis N. **Linguagem, Desenvolvimento e Aprendizagem**. São Paulo. Universidade de São Paulo, 1988.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, Sexualidade e Educação: Uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

MAZZOTTI, Alda Judith Alves; GEWANDSZNAJDER, Fernando (org.). **O método nas ciências naturais e sociais: Pesquisa quantitativa e qualitativa**. 2. ed. São Paulo: Pioneira, 2004.

NAROTZKY, Susana. **Mujer, Mujeres, Genero: una aproximación crítica al estudio de las mujeres en las Ciencias Sociales**. Madrid: CSIC, 1995.

NEVES, Camila de Lima. **Dos Brinquedos às Brincadeiras: Reflexões Sobre Gênero na Educação Infantil**. 2014. Disponível em: http://editorarealize.com.br/revistas/cintedi/trabalhos/Modalidade_1datahora_14_11_2014_20_18_18_idinscrito_783_c88f59523715966766d9e84bb15c6481.pdf. Acessos em 13 set. 2016.

OLIVEIRA, Keila; SALVA, Sueli. **Relações de gênero na educação infantil: uma reflexão necessária**. 2010. Disponível em: <http://www.unifra.br/eventos/pedagogia2010/Trabalhos/272.pdf>. Acessos em 16 set. 2016.

PEREIRA, Angélica Silvana; OLIVEIRA, Ericka Marcelle Barbosa de. **Brincadeiras de meninos e meninas: cenas de gênero na educação infantil**. 2012. Disponível emfile:///C:/Users/USER/Downloads/7061-33026-1-PB%20(1). pdf. Acessos em 24 set. 2016.

PEREIRA, M. E. **Psicologia social dos estereótipos**. São Paulo: EPU, 2002.

REIS, Kellen Cristina Florentino. **Infância, gênero e estereótipos sexuais: análise do relato de mães de crianças de 4 a 6 anos**. BAURU 2008. Disponível em http://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/97486/reis_kcf_me_bauru.pdf?sequence=1. Acessos em 18 set. 2016.

RIBEIRO, Bianca Zacché; FELIPE, Marcello de Castro Rodrigues; SILVA, Marcelo Rubens da; CALVO, Adriano Percival Calderaro. **Evolução histórica das mulheres nos Jogos Olímpicos**. 2013. Disponível em: <http://www.efdeportes.com/efd179/mulheres-nos-jogos-olimpicos.htm>. Acessos em 28 nov. 2016.

SCOTT, Joan. **Gênero: uma categoria útil de análise histórica. Educação e sociedade**, Porto Alegre, v. 16, n. 2, p. 5-22, Jul./Dez 1990.

SCWENGBER, Maria Simone Vione. **Percursos da educação e generificação dos corpos**. 2013. Disponível em: <36reuniao.anped.org.br/pdfs_trabalhos_aprovados/gt23.../gt23_2599_texto.pdf>. Acessos em 20 nov. 2016

SOUZA, Dalva Inês de. **Manual de orientações para projetos de pesquisa** – Novo Hamburgo: FESLSVC, 2013. Disponível em <http://liberato.com.br/sites/default/files/manual_de_orientacoes_para_projetos_de_pesquisa.pdf>. Acessos em 24 ago. 2016.

TEIS, Denize Terezinha; TEIS, Mirtes Aparecida. **A abordagem qualitativa: a leitura no campo de pesquisa**. 2006. Disponível em: (<http://www.bocc.ubi.pt/pag/teis-denize-abordagem-qualitativa.pdf>). Acessos em 21 ago. 2016.

VIANNA, Claudia; FINCO, Daniela. Meninas e meninos na Educação Infantil: uma questão de gênero e poder. **Cad. Pagu**, Campinas, n. 33, p. 265-283, dez. 2009. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-83332009000200010&lng=pt&nrm=iso>. Acessos em 01 ago. 2016. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-83332009000200010>.

WENETZ, Ileana. **Meninos e bonecas: eles também brincam?** 2012. Disponível em: <http://www.periodicos.ulbra.br/index.php/txra/article/viewFile/979/763>. Acessos em 13 nov. 2016

WOLFF, Cristina Scheibe; SILVA, Janine Gomes da; PEDRO, Joana Maria. **Gênero: um conceito importante para o conhecimento do mundo social**. Florianópolis: Instituto de Estudos de Gênero / Departamento de Antropologia / Centro de Filosofia e Ciências Humanas / UFSC, 2015. Livro didático.

ANEXO**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Dados de identificação:

Título do Projeto:

Gênero na Educação Infantil

Pesquisadora Responsável:

Marinete Maria Sodré Pereira (licenciada em Pedagogia pela Universidade Estadual de Ponta Grossa)

Institui o a que pertence a Pesquisadora Responsável:

Programa de Pós-Gradua o em Gênero e Diversidade na Escola da Universidade Federal de Santa Catarina

Telefones para contato:

(48) 99221976

Nome da voluntária/o:

Idade: _____ anos

R.G. _____

Você está sendo convidada/o a participar do projeto de pesquisa “Gênero na Educa o Infantil”, de responsabilidade da pesquisadora Marinete Maria Sodré Pereira.

Informa es sobre a pesquisa:

Os objetivos da pesquisa são: Objetivo geral: Com esse tema pretendo observar e compreender as várias situa es que envolvem gênero na educa o infantil no que se referem às brincadeiras, brinquedos e preferências das crianças; Específicos: Observar se há estereótipos de gênero nas brincadeiras infantis; Identificar o comportamento das crianças e suas falas que mostram preconceitos e discrimina es quanto a estereótipos e/ou rela es de gênero; Propor contribui es para o desenvolvimento das crianças com respeito ao diferente e ao diversificado; Propor a es que possam respeitar o direito das crianças quanto suas escolhas de brinquedos, brincadeiras e grupo de amizade sem que se tenham preconceitos quanto às rela es e estereótipos de gênero. A pesquisa será feita com crianças da turma do sítio que freqüentam o Nei Arma o. Caso as participantes estejam de acordo: será realizada observa o no grupo de crianças e

relatadas suas falas no projeto. É garantido o sigilo e a privacidade da identidade das participantes. Não serão citados nomes, não serão fotografadas.

Eu, _____, RG nº _____
declaro ter sido informada e concordo em participar, como voluntária, do projeto de
pesquisa acima descrito.

Florianópolis, ____ de _____ de _____

Assinatura da voluntária
